

APRESENTAÇÃO

Literatura e História são esferas do conhecimento muito próximas, pois ambas veiculam questões pertinentes aos seres humanos, situados em determinado tempo e espaço. A Literatura, como arte, embora destituída de um propósito e de um compromisso com o mundo de onde provém – e para onde novamente se projeta – ao traduzir dimensões sócio-históricas e culturais, instala-se como um produto propenso a iluminar seus leitores, os quais são envolvidos em um processo de autoconhecimento e de conhecimento de mundo e motivados a posicionarem-se criticamente diante dele. A História, por sua vez, trabalha na perspectiva de elucidar eventos, assumindo o compromisso de traduzi-los com o maior rigor possível. Para Sandra Pesavento, “[...] o historiador quer e se empenha em atingir o real acontecido, uma verdade possível, aproximada do real tanto quanto lhe for permitido. Esta é a sua meta, a razão de seu trabalho e este desejo de verdade impõe limites à criação” (2006, p. 6)¹.

Tomadas as particularidades de cada esfera, é possível afirmar que, no processo de aproximação do fato, os procedimentos e, logo, os discursos da Literatura e da História se distanciam, o que está longe de se constituir em algo negativo. Muito pelo contrário, as duas percepções favorecem um olhar mais amplo e, ao mesmo tempo, embora pareça um paradoxo, mais refinado. Percorrer episódios sob o viés da ficção e da história é vivenciá-los de modos distintos, mas complementares.

Diante disso, pergunta-se como os textos ficcionais e históricos traduzem o processo da imigração alemã e a vida tanto dos imigrantes quanto de seus descendentes, os chamados teuto-brasileiros, em terras brasileiras. A questão, motivada pela aproximação dos 200 anos da imigração alemã para o Brasil, orienta o presente dossiê, que se propõe a lançar um olhar analítico sobre as produções ficcionais e históricas que se atêm a esse processo migratório e aos (des)caminhos dos atores sociais a partir de sua chegada ao Brasil.

A imigração alemã foi um evento histórico de longa duração que colaborou com a formação do mosaico cultural que constitui a identidade brasileira. O movimento, que se estendeu do início do século XIX a meados do século XX, pode ser visualizado a partir de três momentos importantes: o primeiro, em 1824, com a chegada de famílias de agricultores, de profissionais urbanos e de soldados “mercenários”, pessoas que haviam sofrido os reveses econômicos que assolavam as diferentes regiões de onde provinham; o segundo, na metade do século XIX, quando, após as revoluções de 1848, militantes

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo - Mundos Nuevos** [online], Debates, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 28 dez. 2020.

liberais e representantes da intelectualidade europeia – muitos deles militares veteranos das revoltas – aportaram, em terras brasileiras; e o terceiro momento, no começo do século XX, que trouxe artesãos e operários que deixaram a Europa em função das crises políticas e financeiras.

Ainda que a causa predominante da imigração de alemães para o Brasil tenha sido de ordem econômica, não se podem desprezar fatores de cunho político e/ou religioso, que se somaram à precariedade das condições de vida dos que optaram por abandonar a terra natal e se dirigir a um país estranho. Assim como é possível falar em motivações diversas para justificar a emigração alemã para o Brasil, também se torna relevante observar que os imigrantes que chegaram a portos brasileiros provieram de diferentes espaços geográficos, ou seja, trouxeram vivências culturais diversas e falavam vários dialetos, de maneira que não é possível falar em homogeneidade.

Estudar a imigração alemã para o Brasil, assim, é aventurar-se por múltiplos caminhos em que o foco central pode estar voltado, por um lado, para a História e, por outro, para a Literatura. Ambas as perspectivas não se repelem; muito pelo contrário, entrelaçam-se e complementam-se sob a égide da representação. Nesta via, se a indagação histórica busca apreender eventos da imigração alemã e traduzi-los em um discurso próprio, o olhar do ficcionista igualmente se detém sobre a mesma natureza, apresentando-a, contudo, por intermédio de outra linguagem – a ficcional. Dessa maneira, o que o pesquisador tem diante de si são dois discursos que oferecem ângulos diversos de leitura, ambos originários da apreensão do mundo empírico e a serviço de sua compreensão. O duplo olhar sobre os eventos históricos se justifica na medida em que seu resultado converge para uma elucidação mais efetiva da realidade empírica. Olhar para a imigração alemã e para os caminhos percorridos por diversos atores sociais e por seus descendentes em terras brasileiras, desde os primórdios até a atualidade, pela via dos discursos históricos e ficcionais significa valorizar o papel da memória e da identidade cultural com vistas à construção de uma unicidade humana não discriminatória.

A proposta deste dossiê foi plenamente alcançada graças à contribuição de importantes pesquisadores da área, cujos textos permitem ao leitor um refinado olhar sobre o evento. Marcos Antônio Witt, em seu artigo intitulado “O Brasil de Weech e Bösche em seus relatos de viagem” realiza um estudo comparativo entre dois importantes documentos de viagem, datados da primeira metade do século XIX, os quais descrevem o Brasil de modo distinto. Os diferentes pontos de vista levam o autor a afirmar que “Os leitores de Weech talvez tenham sido motivados a empreender na América; os leitores de Bösche, é praticamente certo, riram com suas anedotas, mas, também, desistiram da ideia de emigrar para aquele lugar que carecia de melhor organização político-sócio-econômica”. O artigo “Imaginando São Paulos no império alemão: perspectivas sobre imigração (1890-1905)”, assinado por Bruno Gabriel Witzel de Souza,

investe no levantamento de percepções alemãs sobre São Paulo na virada do século XIX para o XX. Para tal, vale-se de duas fontes histórico-literárias pouco conhecidas, o conto infanto-juvenil *Die Ansiedler von São Paulo*, de Edgard Reinhold (1897), e um ensaio sobre as comunidades alemãs em São Paulo, de Carlos Frederico Scheler (1905). Paulo Moreira, em “Há tantos libertos que vivem na miséria. ademais, não podia viver sem meu senhor: representações sobre escravidão e liberdade na novela *o Patuá*, de Carlos Jansen (1878/1879)”, como o próprio título denuncia, reflete sobre a condição que se impõe aos africanos para cá trazidos em condição de escravatura, a partir de uma mirada crítica sobre a narrativa laudatória ao trabalho alemão do ex-Brummer, escritor e jornalista teuto-brasileiro (também fundador da importante Sociedade Partenon Literário em Porto Alegre).

Gerson Roberto Neumann assina o artigo “Literatura e História no contexto da imigração alemã para o Brasil nas obras de Caldre e Fião, Josué Guimarães e Valesca de Assis”. Trata-se da análise de como as obras *A divina pastora*, *A ferro e fogo* e *A valsa da medusa* apresentam elementos de uma “cultura alemã” no Brasil. Marinês Andrea Kunz, Juracy Assmann Saraiva e Carlos Vinicius Baraldi, em “O discurso memorialístico em *Bazar Paraná*, de Luis S. Krausz”, investem na análise da narrativa sob a perspectiva da rememoração e da intertextualidade. Ao fazê-lo, defendem a ideia de que a narrativa, ao desafiar o leitor a desvendar o “labirinto dialógico”, impulsiona-o para uma condição de coautoria. “A escrita da história e da ficção”, de José Luis Fornos, apresenta, à luz de Paul Ricoeur, uma importante reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre história e ficção. A discussão é ilustrada com a análise da obra *Anatomia dos mártires*, de João Tordo. “Por uma história que não seja única: colonização e identidade no conto ‘A historiadora obstinada’, de Chimamanda Ngozi Adichie”, de Priscila Finger do Prado e Luana Miranda, completa o dossiê. O artigo traz uma importante contribuição aos estudos da área por refletir sobre as relações entre literatura e história, enfocando a colonização e a identidade em um fascinante conto da escritora nigeriana Adichie.

Agradecemos imensamente aos autores pelos textos submetidos, na certeza de que os artigos oferecem importantes discussões acerca da relação entre Literatura e História e, em particular, sobre a imigração alemã e a vida de seus descendentes em solo brasileiro. Boa leitura a todos!

Prof. Dr. Ernani Mügge – Universidade Feevale (Brasil)

Prof. Dr. Miquêias Henrique Mügge – Princeton University (EUA)